

RELAÇÕES PARADIGMÁTICAS E SINTAGMÁTICAS NA INTERPRETAÇÃO DE METÁFORAS

Heronides Moura*

Resumo: Neste artigo, tenta-se mostrar que o uso metafórico, sem perder a criatividade que caracteriza essa parte da linguagem, é regido por certos padrões lingüísticos que governam a interpretação. Apresenta-se uma metodologia de coleta e análise dos dados que tornam mais claros os fundamentos da proposta. São analisados três verbos de mudança de estado usados metaforicamente: explodir, arquivar, congelar. Como conclusão, argumenta-se que a força cognitiva da metáfora está em garimpar no velho (paradigmas e sintagmas pré-definidos) o novo (a carga cognitiva de uma metáfora).

Palavras-chave: metáfora; estrutura conceptual; léxico; verbo.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, tenta-se mostrar que o uso metafórico, sem perder a criatividade que caracteriza essa parte da linguagem, é regido por certos padrões lingüísticos que governam a interpretação, na mesma linha defendida em (MOURA, 2002a, 2002b, 2005, 2006). Nesse artigo, proponho-me a descrever uma metodologia de análise que torne mais claros os fundamentos da proposta. Essa proposta de análise da metáfora implica considerar os usos metafóricos como enquadrados em tipos (*types*), ou seja, uma ocorrência (*token*) metafórica está ligada a um tipo que define em parte a interpretação da ocorrência específica. A

* Professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Doutor em Lingüística. E-mail: <heronides@uol.com.br>.

interpretação de uma metáfora não ocorre de maneira aleatória nem *ad hoc*; ela deriva da inserção da ocorrência num determinado tipo. Esses padrões, que definem os tipos, envolvem tanto relações paradigmáticas, quanto relações sintagmáticas. Ou seja, importam na interpretação das metáforas as categorias semânticas a que pertencem os constituintes da metáfora e as combinações entre essas categorias. Um exemplo de relação paradigmática é uma lista de verbos de um mesmo tipo semântico, como verbos de mudança de estado. Assim, ainda que a ocorrência da metáfora utilize apenas um item da lista, a interpretação leva em conta a lista inteira, que forma a relação paradigmática, ou seja, a categoria. Quanto às relações sintagmáticas, a interpretação de uma metáfora depende da combinatória de tópico e veículo ou, mais precisamente, da combinação das categorias desses constituintes da metáfora. Neste artigo, estudarei, na análise dos dados, três verbos de mudança de estado usados metaforicamente: *explodir*, *arquivar*, *congelar*.

A idéia, portanto, é que a interpretação de uma metáfora é guiada pelo contexto no qual ela se insere, que define um padrão de interpretação. Se quisermos entender e descrever como os falantes chegam a interpretar as metáforas, precisamos examinar minuciosamente o contexto lingüístico e identificar tanto as categorias dos itens lexicais envolvidos, quanto os sintagmas em que essas categorias se agrupam, sempre tomando por base a estrutura léxico-conceptual da linguagem (sobre a estrutura léxico-conceptual, cf. PUSTEJOVSKY, 1995; STEINHART, 2001; JACKENDOFF, 2002).

A força cognitiva da metáfora está em garimpar no velho (paradigmas e sintagmas pré-definidos) o novo (a carga cognitiva de uma metáfora).

Nessa perspectiva, é natural que haja uma boa dose de convenção na interpretação de qualquer metáfora, mesmo as mais criativas. Se deixássemos a interpretação fluir em total liberdade, sem nenhuma coerção, seria difícil imaginar como os falantes fazem um uso bastante eficaz da metáfora. Como ocorre em todos os outros elementos da linguagem, há padrões que definem o sentido na metáfora.

Farei, neste artigo, a descrição desses padrões com base na análise de exemplos reais, retirados da *web*, de metáforas verbais com três verbos de mudança de estado (*explodir*, *arquivar*, *congelar*).

O artigo está organizado da seguinte forma. Na seção 2, situo a minha análise na tradição que define a metáfora como um tipo, e não como ocorrência. Na seção 3, faço uma discussão da forma pela qual a convenção aparece na explicação da interpretação metafórica, segundo as diferentes tradições de pesquisa, e argumento que a posição aqui adotada reforça a alternativa de que a convenção atuante na metáfora é de natureza lingüística. Na seção 4, descrevo a metodologia a ser seguida na análise do corpus, e procedo à descrição dos dados de metáforas com verbos de mudança de estado, de acordo com a metodologia proposta. Na seção 5, discuto algumas implicações da proposta.

2 METÁFORAS COMO TIPOS

Nos estudos da metáfora, há uma oposição entre teorias que explicam os usos metafóricos a partir de ocorrências de metáforas específicas (*tokens*) e teorias que explicam os usos metafóricos a partir de tipos de metáforas (*types*). Assumir a análise da metáfora como tipo implica a identificação de sistematicidade no uso da metáfora, o que não ocorre com a análise da metáfora como ocorrência.

Entre as teorias que analisam a metáfora como ocorrência, podem ser citadas a teoria contextual de Leezenberg (2001) e a teoria da referência dual (GLUCKSBERG; KEYSAR, 1993; McGLONE, 1996; GLUCKSBERG, 2001). Essas teorias sustentam que a interpretação de uma metáfora está associada a um uso específico, ligado a um contexto determinado, e que só a partir deste contexto se pode inferir o significado da metáfora. Como afirma Leezenberg (2001, p. 149-150), uma mesma sentença tipo pode receber diferentes interpretações metafóricas em diferentes contextos. A interpretação da metáfora derivaria do contexto mais amplo, assim como do conteúdo semântico do tópico e do veículo da metáfora. Nessa perspectiva, a metáfora funcionaria como uma dêixis, que só é interpretada em contexto. Não seria possível, dessa forma, fazer generalizações sobre ocorrências específicas.

Uma proposta similar, embora num esquema teórico bem distinto, aparece na teoria da referência dual. De acordo com essa teoria, a

metáfora é uma asserção de categorização, ou seja, ela afirma a inclusão de uma entidade (o tópico da metáfora) numa categoria ou classe (o veículo da metáfora). Portanto, essa teoria se opõe à idéia de que a metáfora apenas estabeleça similaridades entre dois conceitos (cf. ORTONY, 1979, 1993); a metáfora categoriza. A especificidade da metáfora em relação à categorização literal é que a categoria indicada pelo veículo da metáfora é uma categoria *ad hoc* (cf. LEEZENBERG, 2001; MOURA, 2005), criada no momento da enunciação, e que corresponde à categoria superordenada na qual será incluído o tópico da metáfora. A referência dual indica justamente que a palavra que ocorre na posição de veículo da metáfora remete tanto ao significado literal, quanto a uma categoria metafórica superordenada em relação ao tópico. Considere por exemplo (1):

(1) Meu advogado é uma serpente.

O substantivo *serpente* é o veículo dessa metáfora e como tal apresenta referência dual, de acordo com Glucksberg (2001). *Serpente* remete tanto ao significado literal, quanto a uma categoria criada no contexto dessa metáfora, e que inclui os seres traiçoeiros e perigosos. A metáfora afirma que meu advogado é um membro dessa categoria a que o termo *serpente* dá o nome. A referência dual, portanto, serve para dar nome a categorias para as quais nossa língua não dispõe de uma palavra precisa.

A teoria da referência dual é um modelo de representação da metáfora a partir de ocorrências, e não de tipos, visto que a categoria *ad hoc* criada pela metáfora depende do uso específico e da interação entre tópico e veículo, considerada caso a caso. Assim, o veículo de uma metáfora pode não se associar a apenas uma categoria *ad hoc*, mas várias categorias podem ser criadas com base no mesmo veículo, a partir da interação com o tópico, o que mostra a dependência contextual da metáfora (cf. BOWDLE; GENTNER, 2005, p. 195).

A teoria contextual e a teoria da referência dual, que explicam a metáfora a partir de ocorrências, opõem-se a teorias que analisam os usos metafóricos a partir de tipos de metáfora. A teoria mais conhecida nessa perspectiva da metáfora como tipo é a teoria da metáfora conceptual (LAKOFF; JONHSON, 1980; SWEETSER, 1990; ZANOTTO, 1998). Nessa perspectiva, o mais importante não é o uso

específico de uma metáfora lingüística, mas a generalização que se pode fazer a partir desse uso, associando-o a um tipo de metáfora. A metáfora conceptual corresponde a um tipo de metáfora, que mapeia dois conceitos distintos, e que apresenta diferentes e (aparentemente) infinitas ocorrências na linguagem. Uma das vantagens mais evidentes desse modelo é que ele permite estabelecer generalizações sobre usos metafóricos específicos.

Neste artigo, a metáfora é considerada como tipo e não como ocorrência, mas numa perspectiva diferente da teoria conceptual da metáfora (cf. MOURA, 2002a, 2002b, 2005, 2006). A sistematicidade buscada no uso da metáfora não se situa no plano da representação cognitiva, mas no plano da representação lingüística. Isso significa assumir uma perspectiva interna da sistematicidade da metáfora, em oposição a uma perspectiva externa dessa sistematicidade (cf. VEALE, 2003, p. 2). A perspectiva da sistematicidade interna da metáfora implica a análise de quais fatores internos à estrutura léxico-conceptual dos constituintes da metáfora conduzem à interpretação; a perspectiva da sistematicidade externa seria a da teoria da metáfora conceptual, para a qual uma metáfora lingüística é sistemática simplesmente por ser coerente e se enquadrar num esquema metafórico que lhe é externo (a metáfora conceptual) e que está situado na mente (e não na linguagem) do falante. Como afirma Veale (2003, p. 2): “This view of systematicity is external to the concepts involved since it predicates their aptness to each other on the existence of other structures (metaphor schemas) into which they can be coherently connected”.

A idéia adotada aqui é que a perspectiva de sistematicidade interna permite uma descrição mais fina dos tipos de metáforas, revelando em detalhes a interação entre tópico e veículo, necessária para a interpretação metafórica.

A sistematicidade da metáfora pode fornecer uma resposta também à questão da representação das dimensões relevantes que servem de base para a interpretação do sentido metafórico (ORTONY, 1979; GLUCKSBERG, 2001; LEEZENBERG, 2001; VEALE, 2003; BOWDLE; GENTNER, 2005; MOURA, 2006). Uma dimensão relevante do tópico de uma metáfora define o contexto de predicação daquele tópico (GLUCKSBERG, 2001, p. 53). A questão é como identificar quais as dimensões relevantes para cada tópico e como as

dimensões relevantes do tópico interagem com as propriedades relevantes do veículo da metáfora. Considere o par de sentenças abaixo, das quais a primeira já foi citada acima (exemplos adaptados de GLUCKSBERG, 2001, p. 53):

(1) Meu advogado é uma serpente.

(2) A estrada serpenteia na montanha.

Nessas sentenças, fica claro que tópicos distintos (*advogado* e *estrada*) definem contextos de predicação diferentes, a partir de dimensões relevantes distintas. No caso de advogado, o modo de agir é uma dimensão relevante, ao passo que no caso de estrada essa não é uma dimensão relevante. Forma, por sua vez, é uma dimensão relevante de estrada, e é partir dela que se faz a predicação metafórica em (2). Evidentemente, a identificação da dimensão relevante depende da interação entre tópico e veículo da metáfora. Por exemplo, se substituíssemos serpente por baleia, a forma pode ser a dimensão relevante para a predicação sobre o tópico *advogado*:

(3) Meu advogado é uma baleia.

Uma questão associada ao problema da dimensão relevante é o da aptidão da metáfora (GLUCKSBERG, 2001; VEALE, 2003). Considere os exemplos abaixo:

(4) O genoma é um mapa (cf. VEALE, 2003, p. 2).

(5) O genoma é uma linguagem.

(6) O genoma é um psicólogo.

(7) Esse cirurgião plástico é um açougueiro.

Dessas metáforas, a do exemplo (6) parece a menos apta. Aptidão metafórica pode ser traduzida em termos de dimensões relevantes. Se não há uma dimensão relevante comum ao tópico e ao veículo, a metáfora resulta menos apta. A dimensão relevante do veículo da metáfora em (3), ou seja, o tipo de atividade profissional desempenhada pelo psicólogo, não corresponde a nenhuma dimensão relevante do tópico (o genoma). Já em (7), a dimensão relevante do veículo (a atividade profissional do açougueiro) interage com a dimensão relevante do tópico (a atividade profissional do cirurgião plástico). Veale (2003, p.

2) observa que a aptidão da metáfora está associada ao isomorfismo das estruturas relacionais do tópico e do veículo (cf. BOWDLE; GENTNER, 2005). Em outras palavras, as estruturas conceptuais dos itens lexicais que servem de tópico e de veículo da metáfora definem não só as dimensões relevantes, mas a própria aptidão da metáfora.

A perspectiva adotada aqui é a da sistematicidade interna da metáfora. As implicações dessa abordagem serão discutidas na conclusão, depois da análise dos dados.

3 O PAPEL DA CONVENÇÃO NA METÁFORA

A metáfora é um dos usos lingüísticos mais livres e criativos disponíveis para a mente humana, com enorme valor cognitivo. No entanto, essa criatividade não significa que não exista algum grau de convenção no uso metafórico, mesmo no caso de metáforas novas. De um modo geral, os teóricos concordam que a convenção condiciona de alguma forma a interpretação das metáforas. A questão não é se a convenção está presente, mas a forma como ela se faz presente. Sobre esse ponto, o debate é intenso. Depois de discutir as principais alternativas, argumentarei que a análise proposta nesse artigo pode servir de comprovação à idéia de que a natureza da convenção que embasa a metáfora é de natureza lingüística.

Podemos identificar quatro tipos de convenção nos estudos sobre a metáfora.

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Convenção de uso (GRICE, 1989; SEARLE, 1993) 2. Convenção de representação conceitual. (LAKOFF; JOHNSON, 1980) 3. Convenção de conotação (BLACK, 1962, 1993; KITTAY, 1987; GLUCKSBERG, 2001) 4. Convenção de denotação (GENTNER, 1983; BOWDLE; GENTNER, 2005) |
|---|

Quadro 1 – Tipos de convenção.

A convenção de uso está associada à teoria pragmática da metáfora, segundo a qual o significado da metáfora corresponde a um

sentido do falante. Dar sentido a uma metáfora é recuperar o sentido que o falante quis dar a esse uso não literal. Ao dizer que “*S é P*”, o falante quer dizer que “*S é R*” (SEARLE, 1993). Claramente, o significado metafórico “*S é R*” não é convencional. Ele é o resultado de algum tipo de *insight* (cf. MORAN, 1999). O significado metafórico é uma inferência pragmática sobre o que a metáfora “traz à mente”. E esse “trazer à mente” não é em si convencional.

Mas, segundo a teoria pragmática, há princípios gerais, convenções de uso que conectam a asserção literal e a proposição metafórica (como ocorre nos atos de fala indiretos). Esses princípios devem responder à questão: “How is it possible for the hearer who hears the utterance “*S is P*” to know that the speaker means “*S is R*?”” (SEARLE, 1993, p. 102).

O primeiro princípio citado por Searle é o seguinte:

Things which are *P* are by definition *R*. Usually, if the metaphor works, *R* will be one of the salient defining characteristics of *P*. Thus, for example, (Met) *Sam is a giant* will be taken to mean (Par) *Sam is big*. (p. 104)

Note em primeiro lugar que esse princípio apela para uma relação semântica, a implicação material (*se gigante, então grande*), para servir de base a uma inferência pragmática (o sentido metafórico), misturando assim os níveis semântico e pragmático que Searle deseja manter separados (cf. LEEZENBERG, 2001, p. 121).

De fato, Searle não acredita que a metáfora tenha algo a ver com semântica. A metáfora seria exterior às condições de verdade de uma proposição, pois essas são definidas por uma relação fixa entre palavras e contextos de uso, o que obviamente não é o caso da metáfora. Esta se situa além do que as palavras dizem. Mas, por convenção pragmática, podemos recuperar o que o falante quis dizer ao utilizar certas palavras fora de seu contexto normal de uso.

Ainda que a metáfora seja exterior às condições de verdade, ela indiretamente transmite conteúdos proposicionais (LEEZENBERG, 2001, p. 120). Como afirma Searle: “the metaphorical utterance does more than just convey its truth conditions. It conveys its truth conditions by way of some other semantic content, whose truth conditions are not part of the truth conditions of the utterance” (1993, p. 111). Assim, a metáfora tem valor cognitivo (ela transmite uma mensagem), mas ao

mesmo tempo essa mensagem está fora das condições de verdade e não depende da conexão lingüística entre signo e significação. A metáfora está fora do núcleo semântico da linguagem, e como tal a única convenção válida para sua interpretação é de natureza pragmática. O seu poder expressivo, segundo Searle, deriva desses fatores: o ouvinte tem de calcular o significado do falante, e esse corresponde a um conteúdo proposicional que está relacionado, mas não contido na sentença metafórica.

A teoria da metáfora conceptual de Lakoff e colaboradores, numa perspectiva inteiramente diferente da de Searle, também advoga que a metáfora está fora da linguagem (cf. MURPHY, 1996; MOURA, 2005). Portanto, não se pode conceber, na perspectiva teórica da metáfora conceptual, qualquer convenção interna à linguagem que embase os usos metafóricos. A convenção nessa teoria se restringe à conexão entre conceitos na representação conceptual do falante. Por convenção, um falante ou conjunto de falantes, associa, por exemplo, os conceitos de guerra e discussão, mas isso nada tem a ver com as palavras de uma língua específica (embora, é claro, as metáforas sejam construídas com palavras). Essa convenção equivaleria a uma seta (ou conjunto de setas) que ligaria(m) entre si conceitos (e partes dos conceitos), como discussão → guerra; debatedores → combatentes; argumentos → armas, etc. Murphy (1996, p. 178) chama essas setas de *'pointers'* e expõe sua natureza representacional, e não lingüística. A natureza convencional dessas setas é evidente, já que não há nenhuma necessidade lógica de que uma discussão seja encarada como guerra, e culturas diferentes podem conceptualizar o conceito de discussão de forma distinta (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 47). Além disso, “nossa maneira convencional de falar sobre discussões pressupõe uma metáfora da qual raramente temos consciência” (p. 48). Ou seja, nessa perspectiva teórica, “nossa maneira convencional de falar” deriva de uma maneira convencional de ligar conceitos; falamos assim porque pensamos assim.

Em resumo, no caso das opções (1) *Convenção de uso* e (2) *Convenção de representação conceitual*, o elemento convencional da metáfora é externo à linguagem.

Já nas opções (3) *Convenção de conotação* e (4) *Convenção de denotação*, ao contrário, o elemento convencional é interno à linguagem. Nesse caso, a metáfora explora as raízes da linguagem.

Essas opções (3) e (4) foram ambas elaboradas no âmbito da teoria interacionista da metáfora, originalmente desenvolvida por Black (1962). Essa teoria situa a metáfora no interior da linguagem, mas os autores ligados a ela oscilam em dar mais peso ora à conotação, ora à denotação, como veremos.

A teoria interacionista da metáfora defende que a metáfora é uma asserção com *status* próprio, que exprime um conteúdo cognitivo *per se* (BLACK, 1962, 1993; KITTAY, 1987). Numa asserção metafórica, interagem o sentido do tópico e o sentido do veículo.

Black (1962, 1993) foi o responsável pela virada cognitiva da metáfora. Ele mostrou que a tradição clássica de análise da metáfora assentava na idéia de que uma expressão metafórica envolvia a troca de uma palavra por outra, uma substituição de itens lexicais. Na verdade, o valor da metáfora está na proposição, ou seja, na representação de mundo que a metáfora cria no âmbito de um enunciado. Como Kittay (1987, p. 16) afirma: “a metaphor is not an isolated term, Black claims, but a sentence”. A metáfora tem valor cognitivo por trazer à luz (ou mesmo criar) relações que mostrem “como as coisas são” (BLACK, 1993, p. 38). A metáfora não pode ser reduzida à similaridade, pois ela muitas vezes cria analogias não perceptíveis antes do uso da metáfora.

A teoria interacionista busca na própria linguagem os recursos e regras que permitem a criação de metáforas. Kittay (1987, p. 13) afirma que Richards, já na década de 30 do século XX, foi um dos precursores da teoria interacionista. Para Richards, a metáfora era “um princípio onipresente da linguagem” (*apud* KITTAY, 1987, p. 17). Portanto, nessa tradição de pesquisa, as raízes da metáfora são buscadas na própria língua (é verdade que Richards falava também em interação de idéias nas metáforas (cf. LEEZENBERG, 2001, p. 86, nota de rodapé), o que o situa mais na tradição da metáfora conceptual). A questão é: que elementos ou propriedades da linguagem permitem a construção de metáforas? Os diferentes autores interacionistas dão respostas variadas a essa questão, mas de modo geral e esquemático podemos dizer que as opções (3) *Convenção de conotação* e (4) *Convenção de denotação* recobrem as alternativas teóricas.

Black sustenta que a metáfora está ligada a convenções de conotação. Para ele, o sentido das palavras nas metáforas evoca um “system of associated commonplaces” (BLACK, 1993, p. 23). Isso está

ligado ao que Aristóteles chamava *endoxa* (opiniões correntes da comunidade sobre um dado conceito) e o que Putnam (1975) chamou de estereótipos lingüísticos, que são meios convencionais de identificar referentes em uma dada comunidade lingüística. Por exemplo, a cor amarela é um estereótipo de ouro, pois essa propriedade corresponde a um traço atribuído a esse metal pelos leigos. Já os *experts* identificam a denotação de ouro a partir de suas propriedades químicas. A cor amarela é um traço irrelevante na identificação do ouro para os *experts*, mas para os falantes normais é um estereótipo importante associado a esse metal. Ora, a idéia de Black é que as metáforas estão ligadas, muitas vezes, aos estereótipos (ou conotação) e não à denotação *stricto sensu*. Exemplos disso são os traços *traíçoeiro* e *confortador* associados à *serpente* e *mãe*, respectivamente, embora seja claro que *traíçoeiro* e *confortador* não são traços definidores dos conceitos de *serpente* e *mãe*, mas apenas estereótipos associados a esses conceitos.

A teoria da referência dual (GLUCKSBERG, 2001), que se enquadra na tradição interacionista, é outro exemplo de modelo que está ancorado na opção (3) *Convenção de conotação*.

Glucksberg (2001, p. 53) afirma que a interpretação da metáfora implica a busca, pelos ouvintes, das dimensões relevantes de atribuição. Ele sugere que o tópico e o veículo da metáfora têm papéis diferentes, mas ambos interagem na definição da dimensão relevante. Em uma metáfora como “Meu advogado é uma serpente”, por exemplo, o tópico da metáfora (*meu advogado*) licencia as dimensões de atribuição, quer dizer, os modos relevantes de classificar este conceito, tais como habilidade, reputação, ambição e custo. O veículo da metáfora (*serpente*) licencia uma propriedade a ser atribuída a alguma dimensão relevante do tópico.

As dimensões de atribuição do tópico e as propriedades dos veículos das metáforas formam sistemas de traços bastante parecidos com o que Black chamava de “sistemas de lugares comuns associados”. A propriedade *traíçoeiro*, associada ao veículo *serpente* na metáfora acima, é um claro exemplo de convenção baseada num estereótipo lingüístico.

O que a teoria da referência dual acrescenta de novo nesse aspecto é a consideração de que a metáfora se utiliza de procedimentos lingüísticos comuns aos usos literais. Os usos literais e metafóricos não se distinguem em sua capacidade de combinar sentidos lexicais que geram interpretações específicas. De fato, o argumento de Glucksberg é

que a metáfora é uma forma de categorização equivalente à categorização literal. Isso, aliás, permite que ele estabeleça uma oposição entre metáforas e comparações não-literais, de um lado, e comparações literais, de outro (GLUCKSBERG, 2001, p. 37). As metáforas e comparações não-literais são exemplos de categorização, com o uso de hipônimos no tópico e hiperônimos no veículo. Já as comparações literais não são categorizações, pois os termos comparados são co-hipônimos:

- (8) Palestras são pílulas para dormir.
- (9) Palestras são como pílulas para dormir.
- (10) O araçá é como a goiaba.
- (11) ? O araçá é uma goiaba.

Em (8), temos uma metáfora e em (9) uma comparação não-litera. Em ambas, temos uma categorização, ou seja, uma inclusão de classes: palestras pertencem à classe das coisas que são pílulas para dormir, ou seja, a classe das coisas soporíferas.

Já em (10) temos uma comparação literal, que relaciona dois co-hipônimos, pertencentes a um mesmo nível de classificação e subordinados a um hiperônimo comum (fruta). O que a comparação (10) faz é afirmar que há uma propriedade comum a essas duas frutas, mas não que o araçá é um tipo de goiaba (daí a estranheza de (11)). Isso tudo mostra que metáfora e comparação literal são fenômenos distintos, o que opõe a teoria da referência dual às teorias da metáfora como comparação ou similaridade (ORTONY, 1979; GENTNER, 1983). E mostra também que a metáfora faz uso de uma operação semântica (a categorização) que é básica no uso da linguagem.

A opção (4) *Convenção de denotação* é representada, na tradição interacionista, pela teoria do alinhamento estrutural (GENTNER, 1983; GENTNER; CLEMENT, 1988; MURPHY, 1996; VEALE, 2003). Nessa teoria, metáforas exploram analogias estruturais entre os conceitos dos itens lexicais que ocorrem na posição de tópico e de veículo.

Gentner (1983) observa que quanto mais uma metáfora é eficaz, mais as analogias são sistemáticas, ou seja, maior a isomorfia entre os conceitos equiparados nas metáforas. Analogias estão baseadas em relações e não em propriedades, e o alinhamento de relações de segunda ordem reforça a sistematicidade de relações de primeira ordem (p. 162).

O que é interessante nessa abordagem é que ela se apóia na estrutura léxico-conceptual da linguagem, e estabelece relações entre conceitos a partir dessa rede ontológica mais geral. Uma metáfora não é assim aleatória, mas baseada na identificação de isomorfias entre conceitos próximos ou distantes na rede de conceitos em que se baseia a linguagem humana. Relações (predicados de dois ou mais argumentos) normalmente fazem parte da denotação de um item lexical, e assim a metáfora, nessa teoria do alinhamento estrutural, está ancorada na opção (4) *Convenção de denotação*.

Vejam os dois exemplos de metáforas, uma em que os conceitos são próximos na rede léxico-conceptual, e outra em que eles estão mais distantes, e tentemos ver que relações são relevantes para a construção da analogia metafórica, na perspectiva da teoria do alinhamento estrutural.

(12) O poeta é um arquiteto.

Veale (2003, p. 27) observa que metáforas desse tipo “derive some measure of aptness from the fact that in each case the source and target are sub-categories of the *Profession* category”. Ou seja, os conceitos de *poeta* e *arquiteto* estão próximos na estrutura conceptual, e assim é fácil recuperar qual a relação que é comum aos dois conceitos. Trata-se exatamente da função que essas pessoas exercem em suas respectivas atividades. Ao interpretar essa metáfora, devemos buscar uma similaridade entre as atividades do arquiteto e do poeta.

Poeta CRIA poemas. Arquiteto CRIA construções.

Quadro 2 – Alinhamento de relações relativo à metáfora em (12).

Esse alinhamento de duas relações similares provoca mais identidade conceptual. Por exemplo, pela analogia acima “poemas” equivalem a “construções” (não por similaridade, mas por simetria das relações). O ponto importante a ser ressaltado aqui é que as atividades desempenhadas tanto pelo poeta quanto pelo arquiteto fazem parte da estrutura conceptual dessas palavras, e são convencionalmente associadas a esses conceitos no plano da denotação. Vejam um outro exemplo, agora envolvendo conceitos mais distantes:

(13) O átomo é como o nosso sistema solar.

O núcleo ATRAI os elétrons.

O sol ATRAI os planetas.

Os elétrons GIRAM EM TORNO do núcleo.

Os planetas GIRAM EM TORNO do sol.

O fato de o núcleo ATRAIR os elétrons CAUSA o fato de os elétrons GIRAREM EM TORNO do núcleo.

O fato de o sol ATRAIR os planetas CAUSA o fato de os planetas GIRAREM EM TORNO do sol.

**Quadro 3 – Alinhamento de relações relativo à metáfora (13)
(baseado em GENTNER, 1983).**

As relações ATRAIR e GIRAR EM TORNO são relações de primeira ordem (predicados que tomam objetos como argumentos) e a relação de CAUSA é uma relação de segunda ordem (predicados que tomam proposições como argumentos). A metáfora (ou mais exatamente, comparação metafórica) em (13), por consequência, apresenta forte sistematicidade (ocorrência de relações de segunda ordem, ocorrência de mais de uma isomorfia de relações de primeira ordem).

É fácil perceber que o alinhamento estrutural pressupõe a convenção semântica; só podemos alinhar conceitos e construir analogias, se sabemos o que vamos alinhar e comparar.

Gostaria agora de observar que a oposição entre as opções (3) Convenção de conotação e (4) Convenção de denotação é talvez mais de grau, e não inteiramente dicotômica. Por exemplo, a teoria da referência dual admite que em várias metáforas o sentido metafórico deriva diretamente do sentido denotativo, e não da conotação. Considere, por exemplo, a metáfora “Palestras são pílulas para dormir”. Na teoria da referência dual, “pílulas para dormir” possui dupla referência, uma literal e outra metafórica. Mas o sentido metafórico (classe das coisas soporíferas) deriva diretamente do sentido denotativo literal (remédio que faz dormir). Na verdade, o sentido literal designa um protótipo do sentido metafórico (uma pílula pra dormir é um ótimo exemplo de coisas

que fazem dormir). Se é assim, a denotação é importante também na teoria da referência dual. Talvez devamos entender o conceito de Black de “sistema de lugares comuns associados” num sentido mais lato, que incorpore tanto implicações denotativas, quanto conotativas.

A minha posição é que o mais razoável é assumir que a metáfora explora a rede conceptual da linguagem humana, e que essa rede é altamente estruturada e sistemática. Mas a rede em si não exclui os sentidos conotativos e enciclopédicos. Pode-se construir uma rede léxico-conceptual organizada em que os sentidos conotativos sejam inseridos, sem se fazer um recorte extremo entre léxico e enciclopédia (cf. PUSTEJOVSKY, 1995).

De toda forma, creio que a análise de dados feita na seção seguinte corrobora as opções (3) e (4), e não as opções (2) e (3): o uso de metáforas está ancorado em regras e padrões de natureza lingüística.

4 METODOLOGIA

Como vimos nas seções anteriores, dois postulados ancoram a análise que virá a seguir: a) o uso de metáforas explora a estrutura léxico-conceptual da linguagem; b) o uso de metáforas é sistemático, ou seja, existem tipos de metáforas, com relações paradigmáticas e sintagmáticas bem definidas, que guiam a interpretação de metáforas específicas.

Vamos agora definir uma metodologia que seja compatível com esses postulados e que possibilite uma análise confiável dos dados. Essa metodologia de análise de dados segue os seguintes passos (tal metodologia foi elaborada em colaboração com Dieysa Kiniela):

- 1) Definir uma categoria semântica (nominal ou verbal) que ocorra na posição de veículo das metáforas a serem investigadas.
- 2) Definir uma lista de itens lexicais pertencentes à categoria semântica escolhida (construção da relação paradigmática).
- 3) Pesquisar na *web* ocorrências de metáforas com esses itens lexicais na posição de veículo.

- 4) Identificar, na análise de dados, classes de interpretação (conjuntos de paráfrases) que possam ser inferidas a partir dos dados, para cada item lexical analisado.
- 5) Identificar possíveis correlações entre classes de interpretação e relações sintagmáticas (construção das relações sintagmáticas).
- 6) Comparar as relações sintagmáticas dos diferentes itens lexicais, obtidas no passo 5, e identificar padrões de interpretação válidos para os diferentes itens. Se padrões de interpretação forem encontrados, postular um tipo de metáfora.

Vou agora comentar cada passo:

Passo 1 – Definir uma categoria semântica (nominal ou verbal) que ocorra na posição de veículo das metáforas a serem investigadas. Nada mais natural que esse seja o primeiro passo, pois se a metáfora explora a estrutura léxico-conceitual, então as ocorrências metafóricas devem refletir de alguma forma a estrutura do léxico, que é hierarquizado e organizado em categoria. Como exemplo de metáfora nominal, poderíamos analisar metáforas com itens lexicais indicadores de profissão, o que nos daria uma lista como psicólogo, açougueiro, cartógrafo, poeta, etc. Nesse artigo, vamos estudar metáforas verbais, e a categoria escolhida é a de verbos de mudança de estado. A hipótese, como vimos, é que metáforas cujos veículos pertençam a um mesmo paradigma, ou seja, a uma mesma classe semântica, apresentem alguma regularidade na interpretação. Os dados podem ou não comprovar essa hipótese.

Passo 2 – Definir uma lista de itens lexicais pertencentes à categoria semântica escolhida (construção da relação paradigmática). Um paradigma é uma lista muita ampla de palavras. Para a análise, é preciso delimitar um subconjunto dessa lista. A escolha é arbitrária.

Passo 3 – Pesquisar na web ocorrências de metáforas com esses itens lexicais na posição de veículo. A pesquisa na *web*, através de mecanismos de busca como o *Google*, implica considerar a *web* como um grande corpus. Esse é um mecanismo de análise de dados já testado na literatura (cf. FELLBAUM, 2005). Não podemos considerar os

resultados exaustivos, nem fazer quantificações confiáveis. Mas como mensurar as ocorrências de uma metáfora, se por natureza a metáfora faz uso da criatividade lingüística, de modo que novas ocorrências podem surgir a qualquer momento na *web*? A idéia é encontrar dados confiáveis e reais, e contextualizados. Sendo assim, exemplos reais de outras fontes podem ser agregados aos resultados da pesquisa na *web*.

Passo 4 – Identificar, na análise de dados, classes de interpretação (conjuntos de paráfrases) que possam ser inferidas a partir dos dados, para cada item lexical analisado. É uma fase trabalhosa e delicada nessa metodologia, pois implica encontrar paráfrases aceitáveis das metáforas encontradas. As paráfrases serão sempre limitadas, simplesmente porque uma metáfora nunca é completamente parafraseável (BLACK, 1993; SEARLE, 1993). O importante é definir linhas gerais de interpretação de um dado veículo metafórico, nos vários contextos. Se possível, deve-se encontrar uma só predicação, ou dimensão de predicação, que seja projetada a partir do veículo. Quanto mais simples a paráfrase, mais fácil a possibilidade de encontrar regularidades. As interpretações devem respeitar as pistas dadas pelo contexto de cada ocorrência. Devem-se catalogar também as expressões idiomáticas que aparecem no *corpus* com os itens lexicais analisados.

Passo 5 – Identificar possíveis correlações entre classes de interpretação e relações sintagmáticas (construção das relações sintagmáticas). Depois de identificadas classes de paráfrases, é preciso verificar correlações entre essas classes de interpretação e a categoria semântica a que pertence o tópico da metáfora. Ou seja, deve-se averiguar se uma determinada paráfrase ocorre sempre que uma categoria específica aparece na posição de tópico. A regularidade acontece quando uma determinada combinação entre a categoria semântica do tópico e o conteúdo semântico do veículo define uma paráfrase específica. Por exemplo, imagine-se que a paráfrase *a*, para um conjunto de ocorrências do verbo *achar*, ocorre basicamente com tópicos que são artefatos. Então se

pode construir o sintagma: Tópico (Artefato), Veículo (achar), e esse sintagma tem normalmente a interpretação metafórica *a*.

Passo 6 – Comparar as relações sintagmáticas dos diferentes itens lexicais, obtidas no passo 5, e identificar padrões de interpretação para os diferentes itens. Se padrões de interpretação forem encontrados, postular um tipo de metáfora. Note-se que no passo 5 chegamos a relações sintagmáticas que estabelecem generalizações sobre ocorrências de metáforas com o mesmo item lexical. Mas devemos a seguir averiguar se é possível obter uma generalização maior, cruzando as diferentes relações sintagmáticas dos diferentes itens lexicais. Ou seja, o que devemos testar é se a mudança de um item lexical por outro, dentro de um mesmo paradigma, altera ou não as interpretações das relações sintagmáticas. Devemos estar atentos ao que é comum na interpretação quando muda o item lexical que ocupa a posição de veículo. Às vezes a generalização é imediata. Suponha que o verbo *pensar* apareça, num uso metafórico, no sintagma: Tópico (artefato), Veículo (pensar), com a paráfrase *a*. Suponha que a mesma combinação e a mesma paráfrase encontradas ocorram também com verbo *entender*. Nesse caso, podemos postular um tipo de metáfora que vale para a categoria semântica que inicialmente definimos como objeto de pesquisa. O tipo de metáfora, nesse caso, seria: Tópico (artefato), Veículo (verbo de atitude proposicional), com a paráfrase *a*. Um tipo de metáfora estabelece combinações entre categorias semânticas específicas, com paráfrases determinadas.

Um tipo de metáfora não pode se aplicar a apenas um item lexical de um paradigma, mas deve, ao contrário, se aplicar a todos os itens do paradigma. Os elementos necessários à construção de um tipo são: categorias semânticas do tópico e do veículo; significado metafórico atribuído ao veículo (paráfrase); e dimensão relevante do tópico, para a predicação metafórica.

O passo 6 só poderá ser implementado quando todos os itens lexicais listados no passo 2 já estiverem analisados.

5 ANÁLISE DE DADOS

5.1 Verbos de mudança de estado

Passo 1: Definir uma categoria semântica (nominal ou verbal) que ocorra na posição de veículo das metáforas a serem investigadas. Vamos examinar verbos de mudança de estado. Esses verbos recebem, na literatura, a seguinte representação: (Agente CAUSA (Tema MUDANÇA DE ESTADO)) (cf. VAN VALIN; LAPOLLA, 1997).

Passo 2: Definir uma lista de itens lexicais pertencentes à categoria semântica escolhida (construção da relação paradigmática). Vamos analisar os verbos *explodir*, *arquivar* e *congelar*, utilizados como veículos de metáforas.

Passo 3: Pesquisar na web ocorrências de metáforas com esses itens lexicais na posição de veículo. Em relação ao verbo **explodir**, foram coletados os exemplos abaixo (a coleta dos exemplos do verbo *explodir* foi feita em parte por Ilson da Silva Junior, como parte de seu projeto de dissertação (SILVA JR, 2007)):

- (1) ‘A primavera já **explodiu** nas estrelas’. PERGUNTA [...] “A primavera já **explodiu** nas estrelas”. (In: Corde Jesu, semper, Orlando Fedeli. [...] montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=outros&artigo=20040811163153&lang=bra - 39k -)
- (2) A despesa com o benefício **explodiu** nos últimos anos e o Ministério da Previdência diz que há distorções. Mas, para as centrais, a pretexto de corrigir as [...] (www.contee.org.br/secretarias/politicasociais/materia_36.htm - 27k -)
- (3) A emoção represada dos 50 **explodiu** revolta no retângulo do Oficina 61. (teatroficina.uol.com.br/velhosite/oficina/40anos.htm - 30k)
- (4) A imprensa mexicana **explodiu** de alegria nesta quinta-feira com a surpreendente vitória por 2 a 0 da seleção asteca sobre a do Brasil. [...] (placar.dgabc.com.br/materia.asp?materia=592768 - 27k)

- (5) Currais Novos **explodiu** de alegria. ANFITRIÃO- Vereador Marinaldo Francisco, recepcionando o presidente da Câmara Municipal de Natal, Rogério Marinho e sua [...] (pesquisa.dnonline.com.br/document/?view=7027 -)
- (6) E o sofrimento não iria demorar muito, pois aos 36 minutos, Jorginho Carvoeiro **explodiu** o Estadio Mario Filho de alegria vascaína. [...] (www.netvasco.com.br/mauroprais/vasco/jogos4.html - 19k -)
- (7) A partir daí, **as despesas explodiram** e atingiram o pico em 2002. Em apenas dois anos, o governo FHC elevou as despesas em 1, 5 ponto porcentual do PIB. [...] (www.mre.gov.br/portugues/noticiario/nacional/selecao_detalhe.asp?ID_RESENHA=108358)
- (8) Eu acho que ela **explodiu** minha mente Então nós passamos a namorar Ela está gastando meu dinheiro E eu de pé esperando Eu disse baby Por que o novo carro? [...] (nick-carter.lettras.terra.com.br/lettras/188872/ - 27k -)
- (9) No momento em que esta nova modalidade de se comunicar tornou-se realidade, em um curto período de tempo **explodiu** um novo segmento de mercado chamado [...] (olinux.uol.com.br/artigos/292/1.html - 29k)
- (10) O **negócio explodiu**. As vendas anuais chegaram à casa dos duzentos mil dólares, e os dois sócios chegaram a repartir cinqüenta mil dólares em lucros todos os [...] (www.mundocristao.com.br/adicionais/p10415.htm - 31k)
- (11) O Bolsa Família **explodiu** os gastos da assistência social. Corte de gastos. O Bolsa Família **explodiu** os gastos da assistência social. por Sacha Calmon [...] (www.tj.es.gov.br/Novo/conteudo.cfm?conteudo=2781 - 18k -)
- (12) Por que a população do mundo **explodiu**? Porque as crianças não morreram tanto quanto no passado. Na África, por exemplo, se chegarmos ao dia em que as [...] (www.cib.org.br/entrevista.php?id=8 - 27k)
- (13) Privação - O pânico **explodiu** o risco que **explodiu** o câmbio que **explodiu** o preço que **explodiu** o juro que **explodiu** a dívida que **explodiu** o déficit que [...]

(www.mre.gov.br/portugues/noticiario/nacional/selecao_detalhe.asp?ID_RESENHA=17758 - 53k →)

(14) Sim, admito, eu era jovem e lembro que essa juventude-interior-exterior, nas estações que compartilhamos, reproduziu uma bizarra forma que **explodiu** egos, [...]

(www.revista.agulha.nom.br/diegodecarvalho3.html - 12k)

(15) Versão Completa: Por que o FHC **explodiu** o câmbio em 98? ::The Best of Anime:: > ::Etc:: > Fala Sério!!! lamps. Feb 8 2007, 04:31 PM [...]

(www.tboa.com.br/lofiversion/index.php/t1898.html - 3k)

(16) Ainda ali, vendo o dia amanhecer, o sangue me queimava as veias, num momento de criação, em que as frases se atropelam na minha cabeça e as minhas mãos anseiam por tocar um teclado e debitar todas aquelas sensações que o corpo já não contém, que fazem **explodir a alma** e se misturam no olhar criando um mundo novo, sonhado e imaginado.

(<http://daquidali.blogs.sapo.pt/40719.html>)

(17) No início do ano, os **gastos explodiram**, mas voltaram a cair após as eleições municipais de outubro.

(clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=234762 - 8k →)

(18) Mas **a festa explodiu** com o apito final. O coro de “campeões, ganhamos somos pentacampeões”, foi encoberto pelo som da buzinas dos carros e cornetas. [...]

(www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20020701/pri_bra_010702.htm - 17k →)

(19) **O comércio explodiu**. O intercâmbio comercial e humano se multiplicou enormemente. Uma anomalia deve ser assinalada, porém: se a União Européia é, [...]

(www.mre.gov.br/portugues/noticiario/nacional/selecao_detalhe.asp?ID_RESENHA=323003 - 55k)

(20) **O consumo explodiu** nos primeiros anos do Real e depois caiu. Muita gente tem a impressão de que todo o ganho da estabilização desapareceu nas quedas. [...]

(www.mre.gov.br/portugues/noticiario/nacional/selecao_detalhe.asp?ID_RESENHA=60389 →)

(21) A **classe média** não tem tradição de mobilização: **explode** e recua, **explode** e recua”.

(<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0308200711.htm>)

(22) Em férias em lago nos EUA, Sarkozy **explode** com paparazzi americanos.

(<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0708200711.htm>)

Passo 4: Identificar, na análise de dados, classes de interpretação (conjuntos de paráfrases) que possam ser inferidas a partir dos dados, para cada item lexical analisado. Nos usos intransitivo e transitivo do verbo explodir, foram encontradas seis classes de interpretação (paráfrases): {a, b, c, d, e, f}

Usos intransitivos:

Paráfrase (a): ultrapassar os limites financeiros previstos. Exemplos (2), (7), (17).

Paráfrase (b): atingir o auge. Exemplos (1), (18).

Paráfrase (c): manifestar emoção intensa. Exemplos (4), (5), (21), (22).

Paráfrase (d): aumentar intensamente uma quantidade. Exemplo (12), (20).

Paráfrase (e): prosperar. Exemplos (9), (10), (19).

Usos transitivos:

Paráfrase (a): ultrapassar os limites financeiros previstos. Exemplo (11).

Paráfrase (b): atingir o auge. Exemplo (3).

Paráfrase (c): manifestar emoção intensa. Exemplo (6).

Paráfrase (d): aumentar intensamente uma quantidade. Exemplos (13), (15).

Paráfrase (f): desarranjar, desorganizar. Exemplos (8), (14), (16).

Passo 5. Identificar possíveis correlações entre classes de interpretação e relações sintagmáticas (construção das relações sintagmáticas).

Usos intransitivos e intransitivos:

Paráfrase (a): ultrapassar os limites financeiros previstos. Exemplos (2), (7), (11) e (17). Tópicos: *Despesa com o benefício, as despesas, os gastos da assistência social, gastos*. Classe semântica (Hiperonímia): custo financeiro. Dimensão relevante do tópico: valor. Relação sintagmática (a): Tópico (custo financeiro), Veículo (explodir).

Paráfrase (b): atingir o auge. Exemplos (1), (3), (18). Tópicos: *Primavera, revolta, festa*. Classe semântica (Hiperonímia): evento. Dimensão relevante do tópico: intensidade. Relação sintagmática (b): Tópico (evento), Veículo (explodir).

Paráfrase (c): manifestar emoção intensa. Exemplos (4), (5), (6), (21) e (22). Tópicos: *A imprensa mexicana, Currais Novos, O estádio Mário Filho, classe média, Sarkozy*. Classe semântica (Hiperonímia): pessoas ou conjunto de pessoas (por metonímia). Dimensão relevante do tópico: emoção. Relação sintagmática (c): Tópico (pessoa) (Veículo) (explodir).

Paráfrase (d): aumentar intensamente uma quantidade. Exemplo (12), (13), (15) e (20). Tópicos: *População do mundo, o risco, o câmbio, o preço, o juro, a dívida, o déficit, o consumo*. Classe semântica (Hiperonímia): Valores quantificáveis. Dimensão relevante do tópico: quantidade. Relação sintagmática (d): Tópico (Valores quantificáveis), Veículo (explodir).

Paráfrase (e): prosperar. Exemplos (9), (10) e (19). Tópicos: *um novo segmento de mercado, negócio, o comércio*. Classe semântica (Hiperonímia): setor econômico. Dimensão relevante do tópico: quantidade. Relação sintagmática (e): Tópico (setor econômico), Veículo (explodir).

Paráfrase (f): desarranjar, desorganizar. Exemplos (8), (14), (16). Tópicos: *mente, egos, alma*. Classe semântica (Hiperonímia): (elemento espiritual do homem). Dimensão relevante do tópico: condição. Relação sintagmática (f): Tópico (elemento espiritual do homem), Veículo (explodir).

Análise do verbo *Arquivar*

(O exemplo 12 foi coletado por Dyeisa Kiniela).

Passo 3:

(1) *Sida*

aqueles que têm nome e nos telefonam

um dia emagrecem – partem

deixam-nos dobrados ao abandono

no interior duma dor inútil muda

e voraz

arquivamos o amor no abismo do tempo

(Alberto Horto de Incêndio. Lisboa, Assírio e Alvim, 1997)

“**Arquivar o amor**” faz referência à impossibilidade de se amar fisicamente a pessoa que se foi (vitimada pela doença)

([http://72.14.205.104/search?q=cache:ZetaeT6zJBoJ:www1.folha.uol.com.br/folha/fovest/20030112-corecao-unicamp-fase2-biologia-](http://72.14.205.104/search?q=cache:ZetaeT6zJBoJ:www1.folha.uol.com.br/folha/fovest/20030112-corecao-unicamp-fase2-biologia-portugues.pdf+%22arquivar+o+amor%22&hl=en&ct=clnk&cd=5&lr=lang_pt)

[biologia-](http://72.14.205.104/search?q=cache:ZetaeT6zJBoJ:www1.folha.uol.com.br/folha/fovest/20030112-corecao-unicamp-fase2-biologia-portugues.pdf+%22arquivar+o+amor%22&hl=en&ct=clnk&cd=5&lr=lang_pt)

[portugues.pdf+%22arquivar+o+amor%22&hl=en&ct=clnk&cd=5&lr=lang_pt](http://72.14.205.104/search?q=cache:ZetaeT6zJBoJ:www1.folha.uol.com.br/folha/fovest/20030112-corecao-unicamp-fase2-biologia-portugues.pdf+%22arquivar+o+amor%22&hl=en&ct=clnk&cd=5&lr=lang_pt)

(2) Recolhido às memórias, Gabo não **arquivou a paixão pelo jornalismo**, tampouco se esquivou da militância pública. Se lhe

perguntam sobre a crença socialista, responde de forma

categorica: “Mais que nunca, mais que nunca!”

(<http://epoca.globo.com/edic/206/cult1a.htm>)

(3) Queria **arquivar a fase da banca**, essencialmente, ou era algo de mais profundo? J.R.

(primeirasedicoes.expresso.clix.pt/ed1310/pu21.asp - 48k)

(4) Aconselhado pelos cortesãos do Itamaraty, o ex-operário Lula **arquivou o passado** para afirmar que a China pratica uma economia de mercado.

(www.mre.gov.br/portugues/noticiario/nacional/selecao_detalhe.asp?ID_RESENHA=171248 - 50k)

(5) O PFL **arquivou a luta** pelo salário mínimo de R\$ 177,00 depois que o relator da MP, Armando Monteiro Neto (PMDB), acolheu uma emenda de Luiz Antonio Medeiros (SP) sem valor prático nenhum.

(6) Sem novas receitas em vista, o Vasco deve **arquivar o sonho** de contratar grandes jogadores para a sequência da temporada.

Entre eles o meia Felipe, [...]

(www.netvasco.com.br/forum/viewthread.php?fid=57&tid=10087&action=printable)

(7) Sarney, é claro, recuou e **arquivou a reforma agrária** e o PNRA, com as desculpas de sempre. Na Constituição de 1988, a reforma sofreu novo revés com a [...]

(www.pime.org.br/mundoemissao/atualidagraria.htm - 10k)

(8) O grupo português Horácio Luís Carvalho (HLC) **arquivou o projeto** de construir cinco parques eólicos no Nordeste, quatro no Ceará e um no Piauí. [...]

(infoener.iee.usp.br/.../hemeroteca/EmDiaComEnergia.asp?decrio=5%2F4%2F04&buPesquisar=Pesquisar)

(9) Israel **arquivou o plano** de construir 1.000 novas casas para colonos em assentamentos da Cisjordânia vizinhos a [...]

(noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,,OI651875-EI294,00.html - 20k -)

(10) Tive que **arquivar o “problema** das águas” ao receber um e-mail essa semana. (usoconsciente.blogspot.com/2007)

(11) com medo do que havia acabado de ouvir, achou melhor **arquivar o assunto** e morrer com essa curiosidade, sem comentar nada com ninguém. [...]

(www.ideiasmutantes.com.br/archives/2005/03/telefonemas_e_u.html - 17k)

(12) E nem imaginei que, ao criar este espaço, iriam visitá-lo e comentá-lo. Fiz somente por capricho pessoal e vontade de externar meu gosto, escrever textos, **arquivar lembranças** e esmiuçar detalhes vividos. (ww.mediovolante.blogspot.com/ - 159k)

Passo 4:

No *corpus* examinado, foram encontradas cinco classes de interpretação (paráfrase): {a, b, c, d, e}

Paráfrase (a): interromper, abandonar. Exemplos (3) e (4).

Paráfrase (b): não implementar, suspender. Exemplos (5) a (9).

Paráfrase (c): deixar de lado, suspender. Exemplos (1) e (2).

Paráfrase (d): evitar, não abordar. Exemplos (10) e (11).

Paráfrase (e): registrar. Exemplo (12).

Passo 5: Identificar possíveis correlações entre classes de interpretação e relações sintagmáticas (construção das relações sintagmáticas).

Paráfrase (a): interromper, abandonar. Exemplos (3) e (4).
Tópicos: *fase da banca, passado*. Classe semântica (Hiperonímia): (período de tempo). Dimensão relevante do tópico: duração.
Relação sintagmática (b): Tópico (período de tempo), Veículo (arquivar).

Paráfrase (b): não implementar, suspender. Exemplos (5) a (9).
Tópicos: *luta pelo salário mínimo, sonho, reforma agrária, projeto, plano*. Classe semântica (Hiperonímia): (ação/plano voltados para uma meta). Dimensão relevante do tópico: implementação. Relação sintagmática (b): Tópico (ação/plano voltados para uma meta), Veículo (arquivar).

Paráfrase (c): deixar de lado, suspender. Exemplos (1) e (2).
Tópicos: *amor, paixão pelo jornalismo*. Classe semântica (Hiperonímia): (emoção). Dimensão relevante do tópico: vivência. Relação sintagmática (c): Tópico (emoção), Veículo (arquivar).

Paráfrase (d): evitar, não abordar. Exemplos (10) e (11). Tópicos: *problema das águas, assunto*. Classe semântica (Hiperonímia): (assunto). Dimensão relevante do tópico: (conteúdo). Relação sintagmática (d): Tópico (assunto), Veículo (arquivar).

Paráfrase (e): registrar. Exemplo (12). Tópico: *lembrança*. Classe semântica (hiperonímia): (experiência). Dimensão relevante do tópico: vivência. Relação sintagmática (e): Tópico (experiência), Veículo (arquivar).

Análise do verbo *congelar*

Passo 3:

- (1) A relatora Jeanine Hennis-Plasschaert comunica aos membros o acordo por ela alcançado com o Comissário Barrot para **“congelar” a proposta** sobre “a segurança da cadeia de

abastecimento”

(www.europarl.europa.eu/meetdocs/2004_2009/documents/pv/644/644123/644123pt.pdf)

(2) Embora a equipe da universidade, em parceria com a Embrapa, tenha conseguido amealhar entre 300 e 500 produtores da região, os excelentes resultados das safras de soja em 2003 e 2004 acabaram por **congelar o projeto** de criação de ovinos. “Toda a área disponível estava sendo usada para o plantio do grão”, diz Rocha

(http://www.paginarural.com.br/noticias_detalhes.asp?subcategoriaid=24&id=22765)

(3) Como o negócio de rolos de filmes crescia a um bom ritmo, a empresa optou por **congelar o projeto**. “Investir em imagem digital era um risco que a Kodak não precisava correr”, diz Ford. (<http://www.cide.org.br/noticias0001.php>)

(4) O plano Sharon, carregado de imposições, nascido ao largo de negociações, procura sepultar, ou no mínimo **congelar, a idéia** de criação de um Estado palestino.

(www.galizacig.com/actualidade/200503/correio_de_oslo_a_londres.htm - 10k)

(5) A constatação singela conduz à mais densa reflexão, ao mais drummondiano ceticismo. Já “A inútil luta” descreve a decadência física e os vãos artificios na vã tentativa de **congelar a juventude**. (<http://www.revista.agulha.nom.br/acabral04.html>)

(6) É um truque elementar **congelar o passado** dos outros e reivindicar o progresso para si. A paisagem palestina, ainda que “não moderna”, era um mundo integral [...]

(www.moderna.com.br/moderna/didaticos/em/geografia/projeccionismo/rumos/0022 - 37k -)

(7) o Manifesto aponta as razões pelas quais a contra-revolução permanente não é capaz de **congelar a História** por tempo indefinido. [...] (www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141998000300013&script=sci_arttext - 24k -)

(8) Os dois últimos tipos de intolerância são teleológicos, pois, ao propor-se realizar um “projeto”, encaminha-se também para tentar **“congelar” a História**, buscando dominar o tempo e negar a morte. A dinâmica cultural dos grupos humanos, de

maneiras diversas, nega esta paralisia, mas convive – às vezes longamente – com seu mito hegemônico.
(<http://www.anpuh.uepg.br/xxiii-simposio/anais/textos>)

Passo 4:

No *corpus* examinado, foram encontradas duas classes de interpretação (paráfrase): {a, b}

Paráfrase (a): não implementar, suspender. Exemplos (1) a (4).

Paráfrase (b): imobilizar, paralisar. Exemplos (5) a (8).

Passo 5:

Paráfrase (a): não implementar, suspender. Exemplos (1) a (4).
Tópicos: *proposta, projeto, ideia*. Classe semântica (Hiperonímia): (ação/plano voltados para uma meta). Dimensão relevante do tópico: implementação. Relação sintagmática (a): Tópico (ação/plano voltados para uma meta), Veículo (congelar).

Paráfrase (b): imobilizar, paralisar. Exemplos (5) a (8). Tópicos: *juventude, passado, história*. Classe semântica (Hiperonímia): (período de tempo). Dimensão relevante do tópico: duração. Relação sintagmática (a): Tópico (período de tempo), Veículo (congelar).

5.2 Um esboço de generalização da análise de verbos de mudança de estado

Deve-se agora implementar o Passo 6 da metodologia, e tentar encontrar padrões regulares nas relações sintagmáticas identificadas. Evidentemente, o *corpus* examinado, com apenas três verbos, não permite nenhuma conclusão definitiva. Uma massa muito maior de dados deve ser examinada. No entanto, deve-se observar que algumas hipóteses se confirmaram: a) metáforas não são interpretadas de maneira aleatória. Há padrões de interpretação identificáveis nas diferentes ocorrências de metáforas com um mesmo item lexical na posição de veículo; b) as paráfrases identificadas no passo 4 correspondem de maneira bastante regular às relações sintagmáticas encontradas no passo 5. Ou seja, um

determinado tipo de tópico define uma interpretação específica de um dado veículo.

Mas e quanto às generalizações sobre as relações sintagmáticas com todos os verbos da lista estudada (*explodir*, *arquivar*, *congelar*)? No total, obtivemos 13 relações sintagmáticas (6 para *explodir*, 5 para *arquivar* e 2 para *congelar*). Os tópicos dessas relações são bastante variados, assim como as paráfrases (quadro 4).

Veículo	Tópico	Paráfrase
Explodir 1.	Custo financeiro	Ultrapassar os limites financeiros previstos
Explodir 2.	Evento	Atingir o auge
Explodir 3.	Pessoa.	Manifestar emoção com intensidade.
Explodir 4.	Valores quantificáveis.	Aumentar intensamente uma quantidade.
Explodir 5.	Setor econômico	Prosperar.
Explodir 6.	Elemento espiritual do homem	Desarranjar, desorganizar
Arquivar 1.	Período de tempo	Interromper, abandonar
Arquivar 2.	Ação/plano voltados para uma meta.	Não implementar, suspender.
Arquivar 3.	Emoção	Deixar de lado, suspender.
Arquivar 4.	Assunto	Evitar, não abordar.
Arquivar 5.	Experiência	Registrar
Congelar 1.	Ação/plano voltados para uma meta.	Não implementar, suspender.
Congelar 2.	Período de tempo	Imobilizar, paralisar.

Quadro 4 – Relações sintagmáticas metafóricas com verbos de mudança de estado.

Como se pode observar no quadro 4, os tópicos e as paráfrases são bastante variados, embora ocorram repetições. O que parece evidente é que as ocorrências de metáforas com um mesmo item lexical na posição de veículo (por exemplo, o verbo *explodir*) se enquadram numa das relações sintagmáticas possíveis. Mas e as paráfrases? Elas derivam unicamente do sentido de cada item lexical, ou têm algo a ver com a estrutura léxico-conceptual mais ampla, já que os três verbos analisados pertencem todos à classe dos verbos de mudança de estado?

É evidente que as paráfrases dependem muito do conteúdo lexical de cada verbo. Intensidade, por exemplo, é um traço importante nas paráfrases das metáforas com *explodir*, já que uma explosão é um processo brusco e intenso. E essa intensidade vai ser diferentemente interpretada de acordo com o tópico da metáfora (intensidade de eventos, de emoções, de valores).

Mas, ainda que de forma provisória e apenas como tentativa de análise, a ser comprovada com o exame de uma massa muito maior de dados, gostaria de argumentar que existe um elemento comum nas paráfrases, um padrão recorrente. Esse elemento comum é justamente o que caracteriza essencialmente um verbo de mudança de estado no sentido literal: a existência de um resultado específico do processo verbal. Todo verbo de mudança de estado implica esse resultado, que obviamente varia de acordo com o conteúdo semântico de cada verbo.

O ato de explodir implica que algo explodiu. O ato de arquivar, se concluído, implica que algo foi arquivado. O ato de congelar, se concluído, implica que algo ficou congelado. E assim sucessivamente para todo verbo de mudança de estado. Esses processos verbais culminam sempre num estado de coisas no qual um ser (um tema) fica num estado determinado:

tema (estado resultativo_v)

Quadro 5 – Representação semântica de verbos de mudança de estado (sentido literal).

O subscrito *v* indica que esse estado é relativo ao conteúdo semântico de cada verbo. A própria natureza semântica do verbo de mudança de estado ressalta esse estado resultativo. Como os verbos de mudança de estado são verbos télicos, eles implicam um ponto de culminação da ação verbal (PUSTEJOVSKY, 1995; VAN VALIN; LAPOLLA, 1997; CHIERCHIA, 2003). Mas o que isso tem a ver com a metáfora? Pense na ação de arquivar, no sentido literal. Ela envolve um agente (normalmente um burocrata), uma duração, um modo de agir e um resultado. Portanto, uma metáfora com base nesse verbo poderia explorar qualquer uma dessas dimensões do evento de arquivar. Mas se

olhamos as paráfrases do quadro 4, o único elemento enfatizado é o resultado da ação de arquivar, considerado metaforicamente, claro. Nessas paráfrases, não importa quem arquiva, como essa pessoa arquiva e em quanto tempo se faz o arquivamento. O que importa é que o tema, o objeto da ação verbal, está arquivado. E estar arquivado pode gerar diferentes analogias, dependendo do tópico ao qual se aplica a metáfora do arquivar. Se uma fase da vida é arquivada, ela é interrompida, superada. Arquivar um período da vida é deixar de vivê-lo. Se uma idéia é arquivada, ela não é implementada. O arquivo de uma idéia é o seu esquecimento. Se é um assunto que é arquivado, ele é evitado. Excluir um tema da conversação é arquivá-lo. Se é uma emoção que é arquivada, ela não é mais vivida no momento atual. Arquivar uma emoção é deixá-la de sentir no presente. Ou seja, as analogias metafóricas são construídas com base no estado resultativo licenciado pela semântica do verbo de mudança de estado. Outras dimensões dos eventos no mundo real são deixados de lado na metáfora. Uma única dimensão do processo verbal (o estado resultativo) é a fonte da analogia e do mapeamento metafórico.

O mesmo vale para os outros verbos analisados (*explodir* e *congelar*). Sendo assim, como hipótese de trabalho, a ser confirmada em estudos mais abrangentes, o tipo de metáfora abaixo pode ser postulado:

<p>Tópico (x), Veículo (verbo de mudança de estado_v). Paráfrase: estado resultativo de <i>v</i>.</p>
--

Quadro 6 – Tipo de metáfora com verbo de mudança de estado.

A proposta feita aqui é que a interpretação de uma metáfora se dá em dois níveis: primeiro, é feita a identificação do tipo a que a metáfora pertence. Em segundo, a relação sintagmática, que contém o conteúdo lexical do tópico e do veículo, dá substância e valor específico à interpretação indicada pelo tipo de metáfora.

Por exemplo, na interpretação da metáfora “*arquivamos o amor no abismo do tempo*”, ocorre primeiro a identificação do tipo de metáfora (metáfora com verbo de mudança de estado), e depois a identificação da relação sintagmática relevante (no caso, Tópico (emoção), Veículo (arquivar).), chegando-se assim a uma paráfrase consistente.

6 CONCLUSÕES

A metáfora explora a rede conceptual da linguagem humana, que é altamente estruturada e sistemática. Isso não significa absolutamente que a linguagem não tem valor cognitivo ou que não seja um instrumento do pensamento. Ao contrário, ela é um instrumento justamente por justapor categorias semânticas que estão distantes na rede conceptual. Sem a metáfora, a mente humana perderia um excelente meio de navegar na rede conceptual da linguagem. Mas sem essa rede conceptual prévia estruturada, a metáfora perderia boa parte de sua eficácia.

Não se trata, portanto, de estabelecer uma prioridade para o pensamento ou a linguagem, no uso da metáfora. O uso da metáfora garimpa correlações na linguagem com o propósito de exprimir pensamentos.

Outra implicação da análise proposta neste artigo é que as metáforas não são produtos *ad hoc*, interpretados do zero em cada ocorrência. Há regularidades combinatórias e categoriais (relações sintagmáticas e paradigmáticas) que guiam a interpretação. Ao interpretar uma metáfora, acionamos categorias semânticas e combinações entre categorias semânticas, num processo composicional bastante similar ao que ocorre na construção de proposições ordinárias. Essas apresentam relações seletivas e combinação de tipos semânticos bem reconhecidos (cf. PUSTEJOVSKY, 1995). Por exemplo, o verbo *pensar* exige como sujeito uma entidade dotada de razão. Ao formar sentenças, combinamos não exatamente palavras, mas categorias de palavras, que obedecem a restrições e hierarquias. A diferença na composicionalidade de sentenças metafóricas e sentenças literais corresponde a esse elemento de difícil apreensão, e que consiste na força maior da metáfora: colocar junto o que se supõe separado, e fazê-lo de um modo consistente. Ao compor a sentença “o filósofo pensou”, combinamos o que já estava junto (entidade dotada de razão e verbo de pensamento), ao passo que ao formar a sentença “o navegador automático de bordo pensou” (artefato e verbo de pensamento), juntamos o que não estava junto antes, mas as regras combinatórias são da mesma essência.

O que dá força e *status* cognitivo à metáfora são justamente essas regularidades composicionais, que agrupam categorias semânticas

segundo certa lógica. Garimpamos o novo no velho; o novo é a metáfora e o velho é a rede conceptual da linguagem.

O efeito cognitivo da metáfora deriva dos padrões de ligação entre conceitos que ela cria. A teoria da metáfora conceptual, que dá prioridade ao pensamento sobre a linguagem na criação de metáforas, corre o risco de ser circular (cf. GLUCKSBERG, 2001, p. 95). Segundo essa teoria, pensamos assim (por exemplo, que a mente é um computador), porque falamos assim, e falamos assim (por exemplo, que “a minha mente deletou isso”) porque pensamos assim. Uma maneira de eliminar essa circularidade é dizer que a linguagem é o instrumento do pensamento; pensamos através da linguagem. O que pensamos ao dizer uma metáfora é a idéia ou apresentação de como as coisas são. Para fazer isso, usamos a linguagem, e as correlações de categorias que ela permite. Se a linguagem se baseia em padrões de interpretação, é natural que o pensamento reflita esses padrões. Ou seja, as regularidades paradigmáticas e sintagmáticas no uso da metáfora correspondem ao papel de instrumento que é a linguagem, mas não são um equivalente do pensamento em si (como um concerto para piano não é o mesmo que o piano em si). Pensar e falar são coisas de níveis distintos, tanto quanto um concerto e um piano são coisas distintas. Mas dizer que o pensamento metafórico está fora da linguagem é o mesmo que dizer que um concerto para piano não depende em nada do piano em si! Como disse Benveniste (1988, p. 80) em relação à influência da língua sobre o pensamento: “Nenhum tipo de língua pode por si mesmo e por si só favorecer ou impedir a atividade do espírito. O vôo do pensamento liga-se muito mais estreitamente às capacidades dos homens, às condições gerais da cultura, à organização da sociedade que à natureza particular da língua”. Se a natureza particular da metáfora é funcionar de acordo com padrões derivados da estrutura conceptual da linguagem, isso não significa diminuir o papel do pensamento.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística geral**. V. 1. Campinas: Pontes, 1988.

BLACK, M. **Models and metaphor**. Ithaca: Cornell Unniversity Press, 1962.

_____. More about metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

BOWDLE, B.; GENTNER, D. The career of metaphor. **Psychological review**, v. 112, n. 1, p. 193-216, 2005.

CHIERCHIA, G. **Semântica**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

FELLBAUM, C. Examining the constraints on the benefactive alternation by using the world wide *web* as a corpus. In: REIS, M.; KEPSER, S. (Eds.). **Evidence in Linguistics: empirical, theoretical, and computational perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

GENTNER, D. Structure-mapping: a theoretical framework for analogy. **Cognitive Science**, v. 7, p 155-170, 1983.

_____; CLEMENT, C. Evidence for relational selectivity in the interpretation of analogy and metaphor. In: BOWER, G.H. (Ed.). **The psychology of learning and motivation**. V. 22. New York: Academic Press, 1988.

GLUCKSBERG, S. **Understanding figurative language: from metaphors to idioms**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

_____; KEYSAR, B. How metaphors work. In: ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and thought**. New York: Cambridge University Press, 1993.

GRICE, H. P. **Studies in the way of words**. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

JACKENDOFF, R. **Foundations of language: brain, meaning, grammar, evolution**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

KITTAY, E. F. **Metaphor: its cognitive force and linguistic structure**. Oxford: Oxford University Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: Chicago University Press, 1980. Edição brasileira: *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de M. S. Zanotto e V. Maluf. São Paulo: EDUC, 2002.

LEEZENBERG, M. **Contexts of metaphor**. Amsterdam: Elsevier, 2001.

McGLONE, M. S. Conceptual metaphors and figurative language interpretation: food for thought? **Journal of memory and language**, v. 35, p. 544-565, 1996.

MORAN, R. Metaphor. In: HALE, B.; WRIGHT, C. (Eds.). **A companion to the philosophy of language**. Oxford: Blackwell, 1999.

- MOURA, H. Lexicon and context in the production of meaning. **Révue de sémantique et pragmatique**, v. 12, p 17-35, 2002a.
- _____. Linguagem e cognição na interpretação de metáforas. **Revista veredas**, v. 6, n. 1, p. 153-161, 2002b.
- _____. Metáfora: das palavras aos conceitos. **Letras de hoje**, v. 40, n. 139, 2005.
- _____. The conceptual and the linguistic factors in the use of metaphors. **DELTA**, v. 22, n. especial, p. 81-94, 2006.
- MURPHY, G. On metaphoric representation. **Cognition**, v. 60, p. 173-204, 1996.
- ORTONY, A. Beyond literal similarity. **Psychological review**, v. 86, p. 161-180, 1979.
- _____. The role of similarity in similes and metaphors. In: ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- PUSTEJOVSKY, J. **The generative lexicon**. Cambridge: MIT Press, 1995.
- PUTNAM, H. **Mind, language and reality**. Cambridge, Cambridge Press, 1975.
- SEARLE, J. Metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- SILVA JR, I. **Metáforas**. Projeto de dissertação - UFSC, Florianópolis, 2007.
- STEINHART, E. The logic of metaphor - analogous parts of possible words. Dordrecht: Kluwer, 2001. (Synthese Library, Volume 299)
- SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- VAN VALIN, R.; LAPOLLA, R. **Syntax: structure, meaning and function**. Cambridge, Cambridge Press, 1997.
- VEALE, T. Systematicity and the Lexicon in Creative Metaphor. ACL 2003 - WORKSHOP ON THE LEXICON AND FIGURATIVE LANGUAGE. **Proceedings...** [s.l.]: [s.n.], 2003. p. 27-34.
- ZANOTTO, M. A construção e a indeterminação do significado metafórico no evento social de leitura. In: PAIVA, V. L. M. (Org). **Metáforas do cotidiano**. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1998.

Title: Paradigmatic and syntagmatic relations in metaphor interpretation

Author: Heronides Moura

Abstract: In this article I try to demonstrate that the use of metaphors, without missing the creativity that characterizes that part of language, is ruled by certain linguistic patterns, which rule interpretation. A methodology for collecting and assessing data is presented, making clearer the fundamentals of my proposition. Three verbs to express change of state used metaphorically are analyzed: to explode, to file, to freeze. As a conclusion, I argue that the cognitive strength of a metaphor lies in digging for the new (the cognitive load of a metaphor) in the old (predefined paradigms and syntagms).

Keywords: metaphor; conceptual structure; lexicon; verb.

Titre: Relations paradigmatiques et syntagmatiques dans l'interprétation de métaphores

Auteur: Heronides Moura

Résumé: Dans cet article, on essaye de démontrer que l'emploi métaphorique, sans perdre la créativité qui caractérise cette partie du langage, est conduit par certains modèles linguistiques, qui gouvernent l'interprétation. On présente une méthodologie de ramassage et une analyse des données qui rendent plus clairs les fondements de la proposition. On analyse trois verbes de changement d'état employés métaphoriquement : éclater, archiver, geler. Comme conclusion, on argumente que la force cognitive de la métaphore se trouve dans l'action de chercher dans l'ancien (paradigmes et syntagmes définis d'avance) le nouveau (la charge cognitive d'une métaphore).

Mots-clés: métaphore; structure conceptuelle; lexique; verbe.

Título: Relaciones paradigmáticas y sintagmáticas en la interpretación de metáforas

Autor: Heronides Moura

Resumen: En este artículo, se intenta mostrar que el uso metafórico, sin perder la creatividad que caracteriza esa parte del lenguaje, es regido por ciertos padrones lingüísticos que gobiernan la interpretación. Se presenta una metodología de colecta y análisis de los datos que dejan más claros los fundamentos de la propuesta. Son analizados tres verbos de cambio de estado usados metafóricamente: *explotar*, *archivar*, *congelar*. Como conclusión, se argumenta que la fuerza cognitiva de la metáfora está en buscar en el viejo (paradigmas y sintagmas predefinidos) el nuevo (la carga cognitiva de una metáfora).

Palabras-clave: metáfora; estructura conceptual; léxico; verbo.